



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
BACHARELADO EM LETRAS – TRADUÇÃO – FRANCÊS

LOUISE GOROVITZ SEGURA

**UMA TRADUÇÃO FEMINISTA DE LÉLIA GONZALEZ: DE UM PAÍS
COLONIZADO PARA UM PAÍS COLONIZADOR**

Brasília
2021

LOUISE GOROVITZ SEGURA

**UMA TRADUÇÃO FEMINISTA DE LÉLIA GONZALEZ: DE UM PAÍS
COLONIZADO PARA UM PAÍS COLONIZADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília – Instituto de Letras
como exigência parcial à obtenção do título de
Bacharel em Letras – Tradução – Francês.

Orientador: Prof. Dr. Eclair Antônio Almeida
Filho

Brasília
2021

LOUISE GOROVITZ SEGURA

**UMA TRADUÇÃO FEMINISTA DE LÉLIA GONZALEZ: DE UM PAÍS
COLONIZADO PARA UM PAÍS COLONIZADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília como exigência parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras – Tradução – Francês.

Data da defesa: 20/05/2021

Prof. Dr. Eclair Antônio Almeida Filho
Letras - Tradução Francês - Instituto de Letras
Universidade de Brasília – UnB
Orientador

Prof. Dra. Alice Maria de Araújo Ferreira
Letras - Tradução Francês - Instituto de Letras
Universidade de Brasília – UnB
Examinadora

Prof. Dra. Clarissa Marini
Língua Francesa - Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades
Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOB
Examinadora

Brasília
2021

À Sabine, minha mãe, pela eterna dedicação,
inspiração e apoio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe pelo apoio durante a longa caminhada da graduação, que sempre teve paciência para me ouvir e respeitar as minhas escolhas. Por ter me inspirado como mulher e guerreira, que não depende de ninguém e luta por um bem maior.

Agradeço o meu padrasto por ter sempre se preocupado com o meu bem-estar durante todos esses anos, por sempre conseguir colocar os meus pés no chão e trazer leveza para as partes mais difíceis. Por nunca questionar a mulher que escolho ser. Por me criar de uma forma tão bonita.

Agradeço aos meus avós, Doti e Moti, por me oferecerem o aconchego, as mais sinceras risadas, por tornarem os momentos mais simples nos momentos mais lindos. Sem vocês eu não teria chegado até aqui.

Agradeço ao meu pai e a minha madrasta pelo eterno carinho e compreensão. Por trazerem tanta leveza para momentos tão difíceis. Principalmente ao meu pai, que sempre me fez rir e me ensina a ser uma pessoa sincera e verdadeira.

Agora, não podia faltar a família que escolhi. Gostaria de escrever um TCC inteiro sobre o amor e o carinho que eu tenho por vocês.

Dounia, minha alma gêmea, minha melhor amiga, minha irmã. Você não sabe a importância da sua amizade na minha vida, agradeço todos os dias por ter alguém tão doce, tão gentil, tão íntegra, tão maravilhosa, inteligente, enfim, todos os elogios que existem nesse mundo, perto de mim. Você é minha família, conte sempre comigo para tudo.

Juliette, desde pequena fomos destinadas a sermos amigas. Você é meu porto-seguro. Uma inspiração para todas as mulheres. Você é batalhadora, determinada e sensível. Obrigada pelos infinitos momentos que temos juntas, são as minhas melhores memórias.

João, sua loucura sempre pareceu com a minha. Você não pode abrir a boca que eu já estou dando gargalhada. Obrigada por isso, por ser tão fiel e sempre me fazer rir nos momentos mais difíceis.

Valentina, o maior presente que a UnB me trouxe, você é a pessoa mais inteligente que conheço. Eu não tenho palavras para explicar o quanto amo estar ao seu lado e conversar sobre a vida.

Diego, você é a minha leveza. Se eu estou me sentindo ansiosa, mal, ou triste, penso em você. Tenho muito orgulho da pessoa que você se tornou, sua segurança me inspira.

Laura, a pessoa mais corajosa que eu conheço. Você é tão linda por fora quanto por dentro. Eu admiro sua coragem, sua vontade de conhecer o mundo, de se jogar, de ser forte. Obrigada por sempre estar aqui, por ouvir, por ajudar.

E finalmente agradeço à Ana, sem você eu não teria terminado esse TCC, e não teria me formado. Você me mostrou o que é companheirismo, o que é dar sem pedir nada em troca, você é a pessoa mais inspiradora que eu conheço. Eu te admiro sempre.

RESUMO

A tradução não é um mero trabalho de transposição. Há, por trás dela, um projeto que é desenvolvido pelo tradutor, seguindo objetivos ou pedidos de uma editora, por exemplo. Esse projeto é um guia para que haja uma certa homogeneidade no texto de chegada. Ou seja, um tradutor que escolhe estrangeirizar o texto, mantendo alguns termos da língua de partida, causando um certo estranhamento no leitor, segundo Berman, vai seguir esse projeto para que não haja uma descontinuidade ao longo do texto. Idem para um tradutor que escolhe domesticar o texto, ou seja, em sua tradução, vai optar por adaptar certos termos para a língua de chegada para que o texto fique mais confortável para o leitor. Essa questão traz a seguinte pergunta: qual é o meu lugar como tradutora ao traduzir um texto militante feminista de uma mulher negra como Lélia Gonzalez? Que escolhas decidi tomar durante a tradução? Será que eu tenho o direito de traduzir este texto por ser uma mulher branca que não passou pelas mesmas experiências que Lélia? Em primeiro lugar, é essencial que esta obra esteja acessível, não só para os lusófonos, mas para outras línguas também, pois seus relatos são importantes para o mundo. Tendo isso em mente, escolhi traduzir três capítulos da obra *Primavera para as Rosas Negras*, uma coletânea de textos e ensaios escritos por Lélia, obra publicada em 2018 pela editora Filhos da África. Meu projeto de tradução se baseou em procurar manter em português os termos principais, que definem a história, a cultura e a localização da autora, para que a realidade fosse a da favela brasileira e não a de uma periferia na França, por exemplo. Dessa forma, a tentativa foi manter a linguagem de cada texto, já que, quando Lélia conta sobre sua infância, a linguagem usada é diferente da que ela utiliza quando faz uma homenagem ou teoriza sobre a democracia racial no Brasil.

Palavras chaves: Tradução Feminista. Lugar do tradutor. Militância. Direitos da População negra. Favela.

RÉSUMÉ

La traduction n'est pas un simple travail de transposition. Il y a, derrière, un projet développé par le traducteur, suivant des objectifs, ou des demandes d'un éditeur par exemple. Ce projet est un guide pour qu'il y ait une certaine homogénéité dans le texte d'arrivée. Par exemple, un traducteur qui choisit d'étranger le texte, laissant ainsi certains termes dans la langue source, provoquant un certain éloignement chez le lecteur, selon Berman, suivra ce projet afin qu'il n'y ait pas de discontinuité dans tout le texte. Idem pour un traducteur qui choisit d'appivoiser le texte, c'est-à-dire dans sa traduction, il choisira d'adapter certains termes à la langue cible afin que le texte soit plus confortable pour le lecteur. Cette question soulève la question suivante : quelle est ma place en tant que traductrice lors de la traduction d'un texte féministe militant écrit par une femme noire comme Lélia Gonzalez ? Quels choix ai-je décidé de faire lors de la traduction ? Ai-je le droit de traduire ce texte parce que je suis une femme blanche qui n'a pas vécu les mêmes expériences que Lélia ? Premièrement, il me semble essentiel que ce travail soit accessible, non seulement pour le peuple lusophone, mais aussi pour d'autres langues, car leurs rapports sont importants pour tout le monde. Dans cette optique, j'ai choisi de traduire trois chapitres de l'ouvrage *Primavera para as Rosas Negras*, un recueil de textes et d'essais écrits par Lélia, ouvrage publié en 2018 par les éditions Filhos da África. Mon projet de traduction était d'essayer de garder en portugais les principaux termes qui définissent l'histoire, la culture et la localisation de l'auteur, pour que la réalité soit celle de la favela brésilienne et non celle d'une banlieue en France, par exemple. Tenter de conserver ainsi la langue de chaque texte, lorsque Lélia raconte son enfance, la langue utilisée est différente de celle où elle rend hommage ou parle de démocratie raciale au Brésil.

Mots clés : Traduction Féministe. Place du Traducteur. Militance. Droits de la Population Noire. Favela.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Colagem “Lélia Gonzalez entre-palavras”.....p. 10

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 O lugar da tradutora	12
1.2 O Público Alvo	13
1.3 A fundamentação teórica	14
1.4 A tradução	15
2. A TRADUÇÃO COMENTADA.....	16
3. ALÉM DA TRADUÇÃO: UMA QUESTÃO POLÍTICA	34
3.1 Além da tradução: Uma questão cultural.....	35
4. BASE TEÓRICA	36
4.1 Uma tradução cultural unilateral?	36
4.2 Uma tradução feminista?	37
4.3 Um lugar da tradutora?	38
5. VOCABULÁRIO DA AUTORA.....	38
6. CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1 INTRODUÇÃO

Figura 1 – Colagem “Lélia Gonzalez entre-palavras”



Fonte: Elaboração própria

No presente Trabalho de Conclusão de Curso na área de tradução, habilitação Francês/Português, eu escolhi traduzir uma obra política, militante e feminista, já que estes são os temas com os quais pretendo trabalhar no futuro. A obra intitulada *Primavera para as Rosas Negras* de Lélia Gonzalez é uma coletânea de textos da autora que foi publicada em 2018 pela editora Filhos da África e foi a obra escolhida para a versão em francês.

A tradução de um texto como o de Lélia Gonzalez, político e militante, traz diversas questões complexas da teoria e dos Estudos da Tradução. Confrontar-se com um texto escrito por uma mulher negra, que expõe sua análise sobre raça, classe, gênero, feminismo, direitos da população negra e direitos das mulheres traz à tona a problemática do lugar de fala e, principalmente, do lugar de fala do/a tradutor/a.

Lélia Gonzalez, nascida em 1935 e falecida em 1994, foi uma mulher, escritora, ativista, professora, antropóloga e cofundadora do Movimento Negro Unificado (MNU). Dentre suas obras, *Primavera para as Rosas Negras* (2018) é uma compilação de artigos, textos e depoimentos da autora, em que conta sua história, sua vida como ativista, abordando grandes nomes da história do MNU.

Por serem textos diversificados, o estilo da autora também varia dependendo dos textos. Por exemplo, no primeiro texto que escolhi traduzir, “Mulher Negra: Um retrato”, Lélia traz um retrato da sua infância, da sua vida na roça e depois da vida no Rio de Janeiro, na favela. Nesse relato, ela produz uma linguagem mais informal, que reflete a da favela e da roça, trazendo todo um léxico de ambos os lugares.

Já no caso do segundo texto, “Homenagem à Zezé Mota”, ela recorre a uma linguagem mais formal, aproximando-se do português “padrão”. Isso ocorre também no último texto traduzido, “A Democracia Racial: Uma Militância”, em que expõe sua visão política da situação da cultura negra no Brasil e argumenta como essa questão precisava de um espaço organizado na política na sociedade, problemáticas que serão retomadas ao longo do trabalho.

1.1 O LUGAR DA TRADUTORA

Uma questão que se mostrou fundamental nesse processo foi o lugar que o/a tradutor/a ocupa ao traduzir, questão levantada por diversos teóricos da tradução. Porém, nesse caso, sobrepõem-se questões de gênero e de raça que se mostraram fundamentais, não somente para a tradução, mas também no que diz respeito ao trabalho da autora e à cultura negra.

A partir desse fato, surgem algumas questões: uma mulher branca de classe média, nunca tendo vivido na favela ou enfrentado preconceitos de raça e de classe teria o direito de traduzir uma mulher negra, que viveu na favela e sofreu todos esses preconceitos? A tradução vai ter algum valor se a experiência não foi vivida? Será que a verdade está sendo relatada de uma maneira certa, de uma maneira justa? Será que estou ocupando um lugar de fala que não é meu? E por que não? Essas são algumas questões que desbravamos ao longo do presente trabalho.

1.2 O PÚBLICO-ALVO

Junto a esse problema com o qual me deparei, surgiu também a questão da proximidade ou não do texto de chegada com o texto de partida. Estou traduzindo um texto do português para o francês. O meu contato com a língua francesa sempre foi relacionado à França, e não ao francês de outros países, inclusive africanos, então, naturalmente, a língua para a qual traduzo será o francês da França. E neste caso, que implicações político-culturais de hegemonia e poder que serão suscitadas ao traduzir o português brasileiro para o francês da França?

O livro *Primavera para as Rosas Negras* (2018) é de difícil acesso no Brasil, não é um romance, é um texto político. Uma obra que retrata a realidade da mulher negra, pobre, da favela do Rio de Janeiro que luta pelos direitos da população negra brasileira. Uma obra que também aborda questões de partidos políticos, programas sociais e que reflete sobre como a sociedade deveria se comportar frente a tais questões, além de entrevistar algumas figuras emblemáticas da cultura negra brasileira. Ou seja, é uma obra com estilos textuais variados, e que trata de assuntos variados.

Pressupõe-se que o público-alvo desse livro é um público majoritariamente acadêmico, um público que pesquisa esse assunto e que está inserido em tais problemáticas. Não é um livro de ficção para o grande público. Ao traduzir para o francês, essa questão permanece em mente: a tradução não está sendo feita para um público qualquer, ela está sendo feita para um público que pesquisa e trabalha com essas problemáticas. Ou seja, um público que já está familiarizado, ou está se familiarizando com o assunto, e que provavelmente terá que pesquisar além do livro para obter mais informações e embasamentos.

Partindo desse contexto, considere mais pertinente me apegar ao discurso da autora, e tentar trazer o texto de partida para o de chegada, particularizando-o, ainda que isso possa causar estranhamento. Por ser um contexto muito marcado, de um país cuja realidade dificilmente ecoa

na França eu tomei a decisão de não adaptar ou familiarizar esse texto para uma realidade de um país colonizador ou de outro colonizado. É o retrato da realidade brasileira, de um país colonizado de uma forma tão violenta que ecoa até hoje na sociedade, e é essa a ideia fundamental do texto, que eu quis retratar pela tradução. Essa escolha, enquanto projeto de tradução, me fez optar por uma certa literalidade, mantendo assim vários termos tais quais.

1.3 A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Vários questionamentos foram levantados durante a tradução de um texto tão complexo. Não somente as questões teóricas clássicas de estrangeirização ou de domesticação, mas também questões sobre o respeito e o cuidado que deve existir por uma cultura e por uma história, ponto que me serviu de guia durante meu trabalho. Segundo Bassnett e Lefevere, a reescrita: “[...] nunca é inocente. Há sempre um contexto em que a tradução ocorre, sempre uma história da qual um texto emerge e para qual um texto é transposto” (1990, p. 11).

O tradutor se posiciona, ele tem um objetivo, seu texto final vai ter um efeito sobre o leitor. Qual efeito quero causar no leitor? Ao traduzir, me fiz essa pergunta, e a resposta foi buscar realçar uma realidade bastante marcada para uma cultura outra. Não se trata de fazer o/a leitor/a francófono/a (seja qual for sua origem) sentir o que é a realidade de uma mulher negra na favela, o que seria impossível, mas poder retratar essa realidade de uma maneira justa. Reafirmando essa ideia, Gentzler e Tymoczko (2002) afirmam que

Os tradutores têm que fazer escolhas, selecionando aspectos ou partes de um texto para transpor e dar destaque. Tais escolhas, por sua vez, servem para criar representações de seus textos-fonte, representações que também são parciais. Essa parcialidade não deve ser considerada um defeito, uma falta ou uma ausência em uma tradução, é uma condição necessária do ato. (GENTZLER e TYMOCZKO, 2002, p. 18)

Que representação eu quero no meu texto? Tendo sempre em mente o público-alvo, quero que minha tradução possa ter representatividade. Porque existe racismo no mundo inteiro, ainda que se manifeste de maneiras distintas nos países e culturas, eu poderia ter escolhido adaptar meu texto para causar identificação no público-alvo, remetendo, por exemplo, ao racismo que ocorre na França com os imigrantes ou com os islâmicos; porém, estaria apagando as particularidades da favela, que é um ambiente marcado e importante na história da autora. Por isso, recorreremos a Antoine Berman (2002) e sua defesa da tradução da letra, do estranhamento e da necessidade de gerar estranhamento no leitor, dando presença ao/à outro/a na tradução. O objetivo de um texto como o de Lélia Gonzalez, ou qualquer texto militante, não

é deixar o/a leitor/a em sua zona de conforto, apaziguando sua mente. Pelo contrário, se o tema causa desconforto, então a tradução deve gerar um desconforto também, junto com um estranhamento.

1.4 A TRADUÇÃO

Após ter percorrido teorias e ter definido meu projeto de tradução, me deparei com certas dificuldades: alguns termos comuns no Brasil não têm equivalência no francês. É o caso, por exemplo, de “pau a pique” ou “barraco”, que, no Brasil, são específicos: os barracos da favela da época de Lélia Gonzalez, geralmente feitos com pedaços de madeira, terra batida, amontoados, bastante distintos do que existe em outros países, especialmente na França, mesmo que se pense nas habitações sociais, na periferia, ou dos chamados “bidonville”, em alguns locais em margem das cidades geralmente ocupadas por imigrantes, não que estes sejam melhores ou piores, mas que são feitos com materiais diferentes.

A linguagem da autora também varia segundo os capítulos e os temas abordados. O primeiro capítulo que escolhi traduzir, “Mulher Negra: Um Retrato”, são lembranças da infância da autora, de quando ainda morava na roça, em Minas Gerais, e, logo em seguida, quando se mudou para a favela no Rio de Janeiro. Descreve também alguns dos lugares nos quais trabalhou, abordando a questão da colonização, do poder do colonizador branco sobre a população negra escravizada há séculos. Ela usa, portanto, uma linguagem mais informal, com mais gírias, um português do dia a dia da roça e da favela, como a linguagem direta com o leitor: “sabe? / né?”. Já nos dois outros capítulos traduzidos, “Homenagem à Zezé Mota” e “A Democracia Racial: Uma Militância”, nos quais a autora já estava inserida na academia, se utiliza de uma linguagem mais formal, dialogando com os acadêmicos e intelectuais que forem ler e estudar seus textos.

A seguir, apresentamos os capítulos traduzidos, com os devidos comentários. Na parte 3 do trabalho, foi desenvolvida uma reflexão teórica sobre as principais questões e desafios tradutórios enfrentados.

2. A TRADUÇÃO COMENTADA

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Mulher negra ¹ : um retrato	La femme noire : un portrait
<p>Veio de Minas, ainda menina que gostava de brincar, de correr pelos espaços amplos e livres da fazenda do interior. Veio com a mãe e os irmãos. Seu pai? Ficara por lá mesmo, com a esposa legal e os filhos idem. Rio de Janeiro, cidade grande onde a gente pode ganhar dinheiro e viver bem. Assim dissera sua mãe, cansada de trabalhar na fazenda e cansada daquele homem que lhe fizera três filhos, mas que nunca vivera com ela na mesma casa. Mas como chamar de sua aquilo onde moravam? Se era de sopapo, de pau a pique, de chão de terra batida, de telhado de sapê? No Rio eles teriam uma casa de verdade, pois ninguém ali tinha medo de trabalho: as crianças já estavam acostumadas ao trabalho na roça.</p>	<p>Elle est venue de Minas, encore toute petite fille qui aimait jouer, courir à travers les espaces larges et libres de la ferme de la campagne². Elle est venue avec sa mère et ses frères. Son père ? Il est simplement resté là-bas³, avec sa femme légale et ses enfants de même. Rio de Janeiro, une grande ville où l'on peut gagner de l'argent et bien vivre. Ainsi l'avait dit sa mère, fatiguée de travailler à la ferme et fatiguée de l'homme qui avait fait ses trois enfants mais qui n'avait jamais vécu avec elle dans la même maison. Mais comment appeler de « vôtre » cet endroit⁴ où ils habitaient ? Si elle était faite de terre crue⁵, de typha, de sol en terre durcie et de toit en toile ? À Rio, ils auraient une vraie maison, car personne là-bas n'avait peur de travailler : les enfants étaient déjà habitués au travail à la ferme.</p>
Além disso, a menina já estava com dez anos, ficando mocinha. Muito trabalhadeira, sabe? Daquele tamaninho,	Par ailleurs, la gamine avait déjà dix ans, elle devenait une jeune fille. Très appliquée, tu sais ? Toute petite, elle se pendait sur un tabouret

¹ Noire e preta/nègre: Nègre e négresse são usados como substantivos enquanto noir/noire acompanham femme

² Campagne ou champs?

³ “Il est simplement resté là-bas”: noção de normalidade, como se aquilo fosse corriqueiro.

⁴ Endroit ou chose? No texto original a autora usa “aquilo” como se não fosse nem suficiente para ser um lugar.

⁵ Sopapo definição: <https://www.dicio.com.br/sopapo/> + google imagens

Terre crue ;

Pau a pique: <https://www.dicio.com.br/pau-a-pique/>

De roseaux ou typha: https://www.lepoint.fr/economie/architecture-l-afrique-pourrait-en-finir-avec-le-tout-beton-09-03-2017-2110510_28.php

<p>ela trepava num banquinho pra mexer doce daqueles tachos grandes, na cozinha da fazenda. Desde cedo já sabia lavar, passar, cozinhar e varrer o terreiro que nem um brinco. Tinha lá suas manias de correr que nem uma cabritinha no meio das outras: coisa de criança, né? Escola não era muito longe, quase meio dia de viagem a pé; e mesmo o trabalho na roça, na cozinha da fazenda, as miudezas pra fazer em casa não deixavam não. Se a gente tem saúde pra trabalhar, não precisa de mais nada. Deus ajuda a gente. De vez em quando chegava uma carta da prima contando tanta coisa bonita do Rio que dava vontade de conhecer, de viver, de ter a casa de verdade.</p>	<p>pour mélanger la confiture⁶ dans les grands bols dans la cuisine de la ferme. Depuis toute jeune elle savait déjà laver, repasser, cuisiner et balayer le terrain jusqu'à ce que ça brille⁷. Parfois elle courait comme un lapin⁸ au milieu des gens : enfin, ces choses d'enfants. L'école, pas question, c'était trop loin, Presque une demi-journée de voyage à pied ; et même le travail dans la campagne, dans la cuisine de la ferme, les petites choses à faire à la maison ne le lui permettait pas. Si on a de la santé pour travailler, on⁹ n'a besoin de rien d'autre. Dieu nous aide. De temps en temps, une lettre de la cousine arrivait, racontant tant de belles choses sur Rio qu'on avait envie de connaître, d'y vivre, d'avoir la vraie maison.</p>
<p>Foram morar em uma favela que disseram que tinha sido um quilombo. A vista lá de cima é linda. Da pra ver o mar, o Cristo, as casas grã-finas das madames lá de baixo e também quando o camburão vem pra dar uma blitz no morro. Primeiro a gente fica com medo, mas depois se acostuma. Que que se pode fazer, né. Teste foi quando houve aquele tiroteio e mataram o filho da vizinha ali de cima. Só tinha dezoito anos. Custaram pra levar pro necrotério e ele</p>	<p>Ils sont allés vivre dans une <i>favela</i>¹⁰ où disait-on ça avait été un <i>quilombo</i>¹¹ auparavant. La vue de là-haut est magnifique. On peut voir la mer, le Christ, les belles maisons des madâmes qui sont tout en bas et aussi quand le fourgon vient faire un arrêt de la circulation à la cité¹². D'abord on a peur, mais ensuite on s'y habitue. Qu'est-ce-qu'on peut y faire, hein ? Le test c'était quand il y a eu la fusillade et ils ont tué le fils de la voisine qui habite là-haut. Il n'avait que dix-huit ans. Ils ont eu beaucoup de peine</p>

⁶ “Doce”: traduzi por confiture, doces de frutas regionais.

⁷ Que nem um brinco é uma expressão regional, escolhi uma expressão regional que expressasse a mesma ideia em frances: “jusque ce que ça brille”.

⁸ Expressão francesa que representa essa corrida rápida e saltitante: “Comme un lapin”.

⁹ Aqui o “nous” ficaria muito formal e o “on” mais informal.

¹⁰ Não sabia se traduzia por “banlieue” ou “favela”, escolhi deixar “favela” para representar mais a realidade brasileira no texto de chegada.

¹¹ Idem para “quilombo”, mantive para representar a realidade brasileira.

¹² Escolhi traduzir “morro” por “cité” porque causaria um estranhamento muito grande, já favela é internacionalmente conhecido, “morro” é uma expressão mais específica dos habitantes da favela.

<p>ficou ali, caído, uma porção de mosca em cima. Marginal, sabe? Coitada da mãe, tanto sacrificio pra nada. A irmã dela, que mora naquele barraco perto do barranco, o marido está preso há uns cinco anos e tem mais uns dez pela frente. A coitada dá um duro danado pra sustentar os filhos. Trabalha de cozinheira num botequim lá perto da Central, carteira assinada e tudo. O emprego é bom porque sempre dá pra trazer umas coisinhas pras crianças comerem.</p>	<p>pour l'emmener à la morgue et il est resté là-bas, étalé, avec un tas de mouche sur lui. Un marginal, tu sais ? Pauvre mère, tant de sacrifices pour rien. Sa sœur, qui vit dans la bicoque¹³ près du ravin, son mari est en prison depuis plus ou moins cinq ans et il en a dix autres devant lui. La pauvre elle travaille dur pour soutenir les enfants. Elle est cuisinière dans un bistrot près de la Gare Centrale, documents réglés et tout. C'est un bon travail car elle peut toujours apporter un petit quelque chose à manger pour les enfants.</p>
<p>Quase tão criança quanta as crianças de quem cuidava, seu primeiro emprego foi uma aventura deliciosa. A madame era muito boa e suas crianças tão alegriinhas que dava gosto brincar com elas. Não era nem tomar conta. Dar banho, comida na boca, lavar e passar umas pecinhas, era a coisa mais fácil do mundo perto do trabalho na fazenda. Além disso, agora morava numa casa tão bonita que nem tinha saudade das correrias das frutas tiradas no pé das mangueiras, jabuticabeiras, romãzeiras da fazenda. E certo que, uma vez por mês, tinha folga pra visitar a família. Mas o barraco de madeira, com chão de terra batida, nem dava pra sentir incomodada com ele, pois sua casa era outra e a alegria de rever a mãe e os irmãos compensava o</p>	<p>Presque aussi jeune que les enfants dont elle s'occupait, son premier travail fut une belle aventure. La Madame était très bienveillante et ses enfants étaient si joyeux que ça donnait envie de jouer avec eux. C'était presque comme si elle ne pas s'occupait pas d'eux. Les laver, leur donner à manger dans la bouche, laver et repasser quelques habits était la chose la plus facile du monde comparé au travail à la ferme. En plus, elle vivait maintenant dans une maison si belle que ça ne lui manquait même pas la course pour prendre les fruits au pied des arbres des manguiers, des <i>jabuticabeiras</i> et des grenadiers Il est vrai qu'une fois par mois, elle avait du temps libre pour rendre visite à sa famille. Mais la bicoque en bois, avec un sol en terre durcie, on ne pouvait même pas s'en soucier, car ce n'était plus sa maison, et la joie de voir sa mère et ses frères compensait cet</p>

¹³ A tradução de “barraco” mais óbvia seria “barraque”, porém, barraque em francês geralmente se refere a uma casa e não a um barraco.

desconforto. Se só voltaria ali no mês seguinte, por que se aborrecer?	inconfort. Si elle n'y retournerait que le mois prochain, pourquoi s'énervé ?
Mas um dia, sempre depois, teve de voltar pra valer. Tinha treze anos já e se tornara demasiada saudável e atraente para os olhos do irmão mais moço da madame, que tentou agarrá-la. Quando a viu assustada, chorando e contando o ocorrido, a patroa olhou-a desconfiada, pegou suas roupas e a devolveu à mãe. Não conseguia entender porque a madame ficara tão zangada com ela. Que foi que fizera demais pra ser chamada de assanhada? Ah! Essas madames são mesmo complicadas...	Mais un jour, toujours plus tard, elle a dû revenir pour de bon. Elle avait treize ans et elle était devenue trop saine et attirante aux yeux du plus jeune frère, qui avait essayé de l'embrasser. Quand la Madame la vit effrayée, pleurant et racontant ce qui s'était passé, elle la regarda avec suspicion, prit ses vêtements et la rendit à sa mère. Elle n'arrivait pas à comprendre pourquoi la madame était si fâchée contre elle. Elle n'avait rien dit de mauvais pour être traité de coquette ¹⁴ . Ah ! Ces mandâmes sont vraiment compliquées ...
O novo emprego era muito bom porque muito próximo de casa. O trabalho de arrumadeira dava tempo até para assistir novela das oito na televisão bonita que o doutor comprara para os empregados da casa. Aos sábados eram as festas nos bailes junto com as colegas. E a vida corria gostosa que nem o riacho no qual se banhava lá na fazenda. Ficou melhor ainda quando, naquele baile em Niterói, conheceu aquele moço de terno branco e que dançava tão bem. O namoro começou naquele dia mesmo. O problema era a mãe dele, sabe? Tinha um salão de alisar cabelos lá pros lados de Realengo. Ela se achava a dona do filho e dizia que ele tinha de ajudar em casa, que era muito moço pra se amarrar com a primeira que	Le nouveau travail était très bien car il se trouvait très proche de la maison. Le travail de femme de ménage laissait même le temps de regarder le feuilleton à huit heures le soir sur la belle télévision que le Monsieur avait achetée pour les employés de la maison. Les samedis étaient les jours des soirées avec des collègues. Et la vie était aussi belle que le ruisseau dans lequel elle se baignait à la ferme. Elle est devenue encore plus agréable quand, à cette fête-là de Niterói, elle rencontra ce jeune homme en costume blanc qui dansait si bien. Leur histoire commença ce jour même. Le problème était sa mère à lui, tu sais ? Elle avait un salon pour lisser les cheveux du côté de Realengo. Elle se croyait propriétaire de son fils et disait qu'il devait aider à la maison, qu'il

¹⁴ Transformei a pergunta em afirmação. “Coquette” traz esse lado inocente.

aparecesse.	était trop jeune pour s'attacher à la première fille venue.
<p>Nem chegaram a se casar, ela se perdeu com ele. Sua mãe e seus irmãos encararam com naturalidade o crescimento daquele ventre jovem e bonito. A criança nasceu e o pai a registrou de boa vontade. Mas o mesmo não aconteceu quando o segundo filho nasceu, pois ele se enrabichara¹⁵ por outra, com quem fora morar, deixando-a com a responsabilidade total das duas crianças. Mas a gente nunca está sozinha se tem família que apoia e se tem bons patrões. Eles eram tão bons pras crianças que nem valia a pena pensar que nunca se ofereceram pra assinar carteira. Também, de que adiantaria? Ela nem sabia ler. Como é que reclamaria de alguém pra assinar uma carteira que ela nem sabia como ou onde tirar?</p>	<p>Ils ne se sont même pas mariés, elle l'a perdue avec lui, sa virginité. Sa mère et ses frères ont naturellement regardé grandir ce jeune et beau ventre. L'enfant est né et le père l'a enregistré avec grand plaisir. Mais la même chose ne s'est pas passée à la naissance du deuxième enfant, car il s'est amouraché d'une autre, chez qui il avait emménagé, laissant sa femme à l'entière responsabilité des deux enfants. Mais on n'est jamais seuls si on a une famille solidaire et si on a des bons patrons. Ils étaient si bons pour les enfants que ça ne valait même pas la peine de penser qu'ils n'ont jamais proposé de signer les papiers. Aussi, à quoi bon cela ? Elle ne savait même pas lire. Comment se plaindre que quelqu'un signe ou pas des papiers alors qu'elle ne sait même pas comment ni où les demander ?</p>
<p>Mas criança muda tanto a vida da gente, né? O tempo dos bailes e das festas assim como veio, se foi. A gente muda tanto que começa a pensar no futuro, a ficar preocupada com uma porção de coisas. Não conseguia entender porque a mãe e os irmãos passaram a beber daquele jeito. O mais velho, que tinha até se casado direitinho com uma moça muito boa e trabalhadeira, seu ordenado mal dava pra beber tanto. Está certo que ele nunca conseguiu emprego melhor do que em</p>	<p>Mais les enfants ça change tellement la vie des gens, pas vrai ? Le temps des soirées et des fêtes, tel qu'il est venu, il est révolu. On change tellement qu'on commence à penser à l'avenir, à s'inquiéter pour un tas de choses. Je ne pouvais pas comprendre pourquoi la mère et les frères avaient commencé à boire de cette façon. L'aîné, qui avait même épousé une jolie jeune fille, appliquée, son salaire était à peine suffisant pour boire autant. C'est vrai qu'il n'a jamais eu un meilleur travail qu'au chantier,</p>

¹⁵ “Enrabichar” é uma expressão muito regional, então “amouraché” não fica tão genérico quanto “tomber amoureux”.

<p>obra, mas a mulher trabalhava, ajudava ele pra sustentar a casa. A mulher acabou se cansando de tanto ir buscar ele na birosca lá de baixo, caído de porre. Foi embora de vez. Aí ele deixou de comer, pra beber o tempo todo. Ainda se lembra do dia em que, já doente, ele foi tomar aquela injeção na farmácia do seu Antônio. Teimou em beber depois da injeção tomada. Deu complicação e ele mal teve tempo de chegar em casa pra morrer. Tão moço ainda...</p>	<p>mais sa femme a travaillé, l'a aidé à soutenir la maison. Sa femme a fini par se lasser d'autant avoir à le chercher au bar d'en bas, quand il tombait tant il était soûl. Elle est partie pour de bon. Puis il a arrêté de manger pour boire tout le temps. On se souvient encore du jour où, déjà malade, il est allé prendre cette injection à la pharmacie du Seu Antônio¹⁶. Il a insisté pour boire après l'injection. Il a eu des complications et il a à peine eu le temps de rentrer chez lui pour mourir. Si jeune encore ...</p>
<p>Graças a Deus que o mais novo não tinha se enrabichado por ninguém, pois estava no mesmo caminho do outro. A mãe, passava um bom tempo sem tomar uma gota, mas de vez em quando dava o seu desconto e sumia por uma semana. Ia lá pra casa da irmã, naquela favela que ficava mais pra cima daqui. Nessas horas a vizinha do barraco do lado quebrava o galho, tomando conta das crianças enquanto ela ia pro trabalho. Agora as crianças já eram três. O pai da última é um rapaz que trabalha de gari. Responsável, deu seu nome não só para o seu filho como também para a outra criança que, até então, não tinha sido registrada. Viver junto não dá não, sabe? A gente briga que nem cão e gato por causa da mãe da gente. A mãe dele parece até com a mãe do outro.</p>	<p>Dieu merci que le plus jeune ne s'était amouraché de personne, parce qu'il suivait le même chemin que l'autre. La mère passait un bon moment sans boire une goutte, mais de temps en temps, elle se laissait aller et disparaissait pendant une semaine. Elle allait là-bas, chez ma sœur, dans cette <i>favela</i> un peu plus haut. Pendant ce temps-là, la voisine de la bicoque d'à côté s'engueulait, pendant qu'elle s'occupait des enfants, pendant qu'elle allait travailler. Maintenant, il y avait trois enfants. Le père du dernier est un jeune homme qui travaille comme balayeur de rue. Il est responsable, il a donné son nom non seulement à son fils mais aussi à l'autre enfant, celui qui, jusque-là, n'avait pas été enregistré. Vivre ensemble c'est pas possible, tu sais ? On se bat comme chiens et chats à cause de notre mère. Celle de l'une ressemble même à la mère de l'autre.</p>

¹⁶ Decidi manter o nome original para manter o efeito de estranhamento ao leitor.

<p>E pior até. Faz tudo que pode pra ver a gente separado. Parece que o filho é só dela. Minha mãe, também, vive implicando com ele. Às vezes a gente fica um tempão sem se falar, sabe? É muito ciumento. Principalmente quando bebe. Aí a gente briga e fica sem se falar.</p>	<p>C'est encore pire. Elle fait tout et n'importe quoi pour nous voir séparés. On dirait que le fils est seulement à elle. Ma mère aussi passe son temps à le titiller. Parfois on passe un bon temps sans se parler, tu sais ? Il est très jaloux. Surtout quand il boit. Alors là on se dispute et on arrête de se parler.</p>
<p>Graças à Deus não é igual ao marido daquela prima que é mãe de oito filhos. Quando ele toma suas canas, bate nela pra valer. Às vezes sobra até pras crianças. A sorte dela é que o filho mais velho, aquele pequenininho (nem parece ter doze anos) já está trabalhando de entregador de farmácia. Meio expediente, sabe? De manhã ele vai para a escola e de tarde ele trabalha na farmácia: nas férias é que ele trabalha o dia inteiro. É muito caprichoso, sabe? Guardou do seu ordenadinho durante o ano inteiro e quando começaram as aulas ele comprou uniforme, caderno e lápis pros irmãos menores. Dá gosto de ver. A menina que vem abaixo dele, cuida da casa que nem gente grande. Lava, passa, cozinha, cuida dos irmãos menores e ainda vai pra escola. Está um pouco atrasadinha, pois não sai do segundo ano: mas também quem é que aguenta? Esse negócio de escola puxa muito pela cabeça da gente.</p>	<p>Dieu merci, il n'est pas comme le mari de la cousine qui a huit enfants. Quand il boit ses verres, il la frappe pour de vrai. Parfois, il en reste même sur les enfants. Sa chance est que son fils aîné, le petit là (qui n'a même pas l'air d'avoir douze ans) il travaille déjà comme livreur à la pharmacie. À mi-journée, tu sais ? Le matin il va à l'école et l'après-midi il travaille à la pharmacie : et en vacances c'est le moment où il travaille toute la journée. Et très appliqué, tu sais ? Il a gardé ses petits sous toute l'année et quand les cours ont commencé, il a acheté des uniformes, des cahiers et des crayons pour ses frères plus jeunes. C'est beau à voir. La fille qui vient juste après lui s'occupe de la maison comme les grandes personnes. Elle lave, repasse, cuisine, prend soin de ses frères et sœurs plus jeunes et en plus elle va à l'école. Elle est un peu en retard, elle ne passe pas de la seconde : mais bon, qui y arrive aussi ? Ce truc d'école, ça nous prend la tête.</p>
<p>A minha mais velha também não gosta muito não. A professora vive reclamando que ela não presta atenção, que faz</p>	<p>Ma plus vieille ça ne lui plaît pas des masses¹⁷ non plus. L'enseignante se plaint tout le temps qu'elle ne fait pas attention, qu'elle fait</p>

¹⁷ "Des masses"

<p>bagunça e que não vai passar. Disse até que vai mandar ela pra (como é que se diz mesmo?) psicóloga, que ela tem problemas. Mas burra ela não é não, sabe? Ninguém enrola ela no troco quando vai comprar as coisas pra casa. Pode ser é preguiça, isso sim. Tanto que não quis saber de aprender a música de natal que a professora ensinou e ficou de bagunça perturbando a aula. Agora, pede pra ela cantar o samba do bloco daqui do morro que ela canta direitinho a primeira e a segunda parte. Se o samba que é grande ela aprendeu logo, como é que não ia aprender uma musiquinha desse tamaninho? Só de preguiça, né? E olha que não é por falta da gente ensinar em casa.</p>	<p>n'importe quoi¹⁸ et qu'elle ne passera pas d'année. Elle a même dit qu'elle allait l'emmener chez (comment ça s'appelle déjà ?) un psychologue, qu'elle a des problèmes. Mais elle n'est pas bête, tu sais ? Personne ne l'arnaque quand elle va acheter des trucs pour la maison. C'est de la paresse ça. Même si elle n'a pas voulu apprendre la musique de Noël que l'enseignante a enseignée et en plus elle faisait la maline et dérangeait la classe. Mais demande-lui de chanter la <i>samba</i>¹⁹ du groupe ici dans la <i>favela</i>, elle la chante parfaitement, la première et la deuxième partie. Si la <i>samba</i> qui est longue elle réussit à l'apprendre vite, comment elle n'arrivait pas à apprendre une chanson minuscule ? Ça ne peut qu'être de la paresse, hein ? Et ce n'est pas par manque de gens pour lui enseigner chez elle.</p>
<p>A gente que é pobre tem que estudar pra ver se melhora de vida. A gente vê pelos filhos dos patrões da gente. Todo mundo estuda e vira doutor. Por que então a gente não ia querer que os filhos da gente estudem? Ao menos o primário completo, né? Aí já dá pra conseguir um empreguinho melhor, ganhar salário, carteira assinada e até fazer o ginásio depois. Tem muita gente que estuda de noite e trabalha de dia. Aqui mesmo no morro, tem muita gente que faz isso. Eu até que tentei também. Mas não deu não. Já estou muito velha pra aprender essas</p>	<p>Nous qui sommes pauvres on doit étudier pour voir si nos vies s'améliorent un peu. On voit ça par l'exemple des enfants de nos patrons. Tout le monde étudie et devient médecin. Pourquoi alors on ne voudrait pas que nos enfants étudient ? Au moins le primaire complet, non ? Parce que là, on peut réussir à avoir une meilleure situation, les papiers signés et même essayer de faire la secondaire après. Il y a beaucoup de gens qui étudient la nuit et travaillent le jour. Ici même dans la <i>favela</i>, il y a beaucoup de gens qui font ça. J'ai même essayé moi aussi. Mais ça n'a pas marché. Je</p>

¹⁸ "n'importe quoi"?

¹⁹ Assim como manter "favela", manter "samba" representa a cultura.

<p>coisas de escola: vou fazer vinte e sete anos. Criança é que tem cabeça fresca pra isso.</p>	<p>suis déjà trop vieille pour apprendre ces choses d'école : je suis sur le point d'avoir vingt-sept ans. C'est les enfants qui ont la tête fraîche pour ça.²⁰</p>
<p>Acordar cedinho todos os dias. Põe a lata na fila da bica, adianta o almoço, prepara o café, acorda as crianças, lava a roupa mais pesada e desce pra ir pro emprego. Antes, deixa as crianças na escola. Quando e preciso levar as crianças ao médico, acorda de madrugada. Se a gente chega no posto as sete a fila já está enorme, a gente pega número alto e só é atendida lá pro meio-dia. Então tem que ir bem cedo, né? E olha que aquela gente lá já não trata a gente muito direito não, sabe? Trata que nem cachorro. Só porque a gente é preto e pobre. Noutro dia, levei a minha mais nova lá porque estava tossindo muito, com febre e sem querer comer. A doutora nem passa a mão nela pra examinar. Ficou de longe, perguntando uma porção de coisas e sem tocar na criança. Fiquei com tanta raiva que disse pra ela que minha filha não era leprosa não. Será que a gente tem culpa de ter nascido assim?</p>	<p>Se réveiller tôt tous les jours. Remplir la bouteille, faire le déjeuner, préparer le café, réveiller les enfants, laver les vêtements les plus lourds et descendre au travail. Bien avant tout ça, laisser les enfants à l'école. Quand il faut emmener les enfants chez le médecin, on se réveille à l'aube. Si on arrive chez le médecin à sept heures, la file d'attente est déjà énorme, on prend un code et on est examiné qu'à midi. Il faut donc y aller tôt, tu sais ? Et en plus, les gens là-bas ne nous traitent pas très bien, tu sais ? Ils nous traitent comme des chiens. Juste parce qu'on est noirs et pauvres. L'autre jour, j'ai emmené ma plus jeune parce qu'elle toussait beaucoup et qu'elle avait de la fièvre et qu'elle ne voulait pas manger. Le médecin elle ne l'a même pas touchée pour l'examiner. Elle est restée à l'écart, posant un tas de questions et ne touchait même pas l'enfant. J'étais tellement en colère que je lui ai dit que ma fille n'était pas lépreuse. Est-ce qu'on est coupables d'être nés comme ça ?</p>
<p>Até aqui no morro a gente vê dessas coisas. Noutro dia meu garoto saiu no braço com o filho da dona Maricota. Coisa de criança que briga agora pra brincar depois. Mas ela tomou as dores do filho e veio reclamar</p>	<p>Même ici, dans la <i>favela</i>, on voit des choses comme ça. L'autre jour, mon garçon s'est battu avec le fils de Dona Maricota²¹. Ces choses d'enfants qui se battent maintenant et jouent ensemble plus tard. Mais elle a pris le côté de</p>

²⁰ Repetição para manter o estilo.

²¹ Dona Maricota para continuar seguindo meu projeto de tradução.

<p>dizendo que não gostava de preto por causa disso. Disse pra ela que quando precisasse de uma caneca de açúcar ou de uns dentinhos de alho, que não viesse pedir emprestado em casa de preto não. Que quando ela precisa a gente é vizinha pra lá vizinha pra cá; que quando não precisa mais a gente vira negra suja, piranha e por aí afora. A sorte dela foi que o marido chegou e puxou ela pra casa. Numa hora dessas a gente pode perder a cabeça, né?</p>	<p>son fils et est venue se plaindre en disant qu'elle n'aimait pas les noirs à cause de ça. Je lui ai dit que quand elle avait besoin de sucre ou d'une gousse d'ail, qu'elle ne vienne plus demander chez les noirs, alors. Parce que quand elle a besoin de nous, c'est : voisines par ci, voisines par là ; mais que quand elle en a plus besoin, on devient une sale noire, une pute et ça y va. Sa chance est que son mari est arrivé et l'a ramenée à la maison. Dans des moments comme ça, on peut perdre la tête, hein ?</p>
<p>E ficou ali pensando no irmão que ficara desempregado há um ano, passando a viver de biscates e bebendo cada vez mais; na mãe idosa que de tarde tomava conta das crianças quando voltava da escola, enquanto ela estava no emprego; na patroa bonita e cheirosa indo pra faculdade no carro novinho que o marido lhe dera; no barraco com uma parede caída desde a última chuva e em como arranjar dinheiro pra comprar umas madeiras naquela demolição lá de baixo.</p>	<p>Et elle est restée là à penser à son frère qui était au chômage depuis un an, qui commençait à vivre de petits boulots et à boire de plus en plus; à la mère âgée qui s'occupait des enfants l'après-midi au retour de l'école pendant qu'elle était au travail; à la patronne jolie et parfumée allant à l'université dans la voiture toute nouvelle que son mari lui avait offerte; à la bicoque avec un mur tombé depuis la dernière pluie et à comment obtenir de l'argent pour acheter du bois dans cette démolition d'en bas.</p>
<p>E ainda chamam a gente de orgulhosa só porque a gente traz os filhos limpinhos, não vive por aí mostrando os dentes pra qualquer um e não pede nada a ninguém. Só porque a gente vive do trabalho da gente, sem homem pra ajudar nem nada e tendo que sustentar mãe e três filhos. Só porque a gente se dá com um vizinho ou outro, afora os parentes, chamam a gente de besta. Só porque a gente não se mete na casa dos</p>	<p>Et en plus ils nous traitent de fiers simplement parce qu'on a des enfants tous propres, on ne vit pas en levant la main à qui que ce soit et parce qu'on ne demande rien à personne. Juste parce qu'on vit de notre propre travail, sans mari pour nous aider ou quoi que ce soit et qu'on doit subvenir aux besoins de notre mère et de trois enfants. Juste parce qu'on s'entend bien avec un voisin ou un autre, en dehors de la famille, ils nous traitent de bêtes. Juste parce</p>

<p>outros pra bisbilhotar. Só porque a gente não fuma e nem bebe, a gente é orgulhosa? Como é que a gente pode ir pros ensaios do bloco se a gente vem tão cansada do trabalho e nem lembra mais o que é dançar? Ainda mais agora, com aquela quadra do morro, cheia de gente bacana que nunca soube o que é vida de favela, pra que é que a gente vai lá? As crianças bem que gostam, mas são crianças. Pra elas tudo é motivo de brinquedo. Mas a gente que tem responsabilidade de cuidar delas, do futuro delas, da escola, da casa, da comida e da saúde delas, a gente não pode ficar aí igual quando a gente era mocinha.</p>	<p>qu'on va pas chez les autres pour fouiner. Juste parce qu'on fume pas et on boit pas, on est fiers ? Comment on va aller aux répétitions de danse si on est si fatigués de travailler et ne se souvient même pas ce que c'est que de danser ? Encore plus maintenant, avec ce quartier de la <i>favela</i>, plein de gens sympas qui n'ont jamais su ce qu'est vraiment la vie dans la cité, pourquoi on irait là-bas ? Les enfants aiment ça, mais tout de même c'est des enfants. Pour eux, tout est un jeu. Mais nous qui avons la responsabilité de prendre soin d'eux, de leur avenir, de l'école, de la maison, de la nourriture et de leur santé, on peut pas se comporter comme quand on était jeunes.</p>
<p>E, sentada na porta do barraco, continuou mergulhada naqueles pensamentos, perguntando pelo porquê de tantas coisas. Quem a visse de longe talvez se perguntasse sobre o que aquela figura trágica lembraria. E a resposta não era difícil de ser encontrada: a mulher-sentada-na-porta-do-barraco era a própria Solidão.</p>	<p>Et, assise à la porte de la bicoque, elle reste plongée dans ces pensées, se demandant la vraie raison de tant de choses. Qui la voyait de loin pourrait peut-être se demander à ce que cette figure trafique pourrait ressembler. Et la réponse n'en était pas difficile à trouver : la femme-assise-à-la-portedelacabane était la Solitude elle-même.</p>
<p>21: Homenagem à Zezé Mota: História de vida e louvor</p>	<p>21 : Un hommage à Zezé Mota : Une histoire de vie et d'éloge</p>
<p>Esta homenagem foi escrita por Lélia Gonzalez no ano de 1984.</p>	<p>Cet hommage a été écrit par Lélia Gonzalez en 1984.</p>

<p>Todos a conhecemos como a atriz promissora que despontou em “<i>Roda Viva</i>”: sob a direção de José Celso Martinez; que se afirmou em “<i>Arena canta Zumbi</i>”, dirigida por Boal; ou na novela “<i>Beto Rockefeller</i>”. Todos sabemos que atingiu o estrelato, arrebatando público e crítica, com sua magnífica interpretação em “<i>Xica da Silva</i>”: de Carlos Diegues, a ponto de os críticos de Chicago, há poucos meses terem comentado: “<i>Basta de Evita! Agora queremos Xica</i>”.</p>	<p>Nous la connaissons tous comme l'actrice prometteuse qui a émergée dans « <i>Roda Viva</i> » : sous la direction de José Celso Martinez ; qui s'est affirmée dans « <i>Arena canta Zumbi</i> », réalisé par Boal, ou dans le feuilleton « <i>Beto Rockefeller</i> ». Nous savons tous qu'elle a atteint la célébrité, captivant le public et la critique, avec sa magnifique interprétation dans « <i>Xica da Silva</i> » : de Carlos Diegues, au point que les critiques de Chicago, il y a quelques mois, commentaient : « <i>Assez d'Evita! Maintenant, nous voulons Xica</i> ».</p>
<p>E quem desconhece aquela voz quente e aveludada, mas às vezes zombeteira e cortante como faca amolada, que mexe com a gente quando canta: “<i>Senhora Liberdade</i>”, “<i>Cais Escuro</i>”, “<i>Rita Baiana</i>”, “<i>Oxum</i>” e tantas outras músicas mais?</p>	<p>Et qui ne connaît pas cette voix chaude et veloutée, mais parfois moqueuse et coupante comme un couteau aiguisé, qui nous émeut quand elle chante : « <i>Senhora Liberdade</i> », « <i>Cais Escuro</i> », « <i>Rita Baiana</i> », « <i>Oxum</i> » et tant d'autres chansons ?</p>
<p>Mas muitos poucos de nós a conhecemos como aquela criança que, vinda de Campos com os pais e o irmão, morou no morro do Pavãozinho e estudou em colégio interno para crianças pobres. Ou como a adolescente que ajudava a mãe na costura, ouvindo rádio o dia inteiro, e que, depois, cantava as músicas ouvidas para o pai, a fim de que este as transformasse em partituras a serem distribuídas entre os membros do conjunto de músicos profissionais que dirigia. Poucos sabem que essa mesma adolescente começou a tomar consciência</p>	<p>Mais très peu d'entre nous la connaissent comme cette enfant qui, venue de Campos avec ses parents et son frère, a vécu dans la cité de Pavãozinho et a étudiée dans un pensionnat pour enfants pauvres. Ou comme l'adolescente qui aidait sa mère à coudre, écoutait la radio toute la journée, puis chantait les chansons qu'elle entendait pour son père, afin qu'il puisse les transformer en partitions à distribuer parmi les membres du groupe de musiciens professionnels qu'il conduisait. Peu de gens savent que cette même adolescente a commencé à prendre conscience de la situation des déshérités et opprimés, pauvres et noirs</p>

<p>da situação dos deserdados e oprimidos, pobres e negros como ela própria, quando fez o ginasial no Colégio João XXIII, na Cruzada de São Sebastião. Mas nada disso a fazia desistir. Ao entrar para o segundo grau (curso de contabilidade), foi trabalhar como operária, ao mesmo tempo em que estudava teatro com Maria Clara Machado. Vida dura de jovem negra pobre, numa sociedade onde os espaços reservados para mulheres, negros e pobres são aqueles da exclusão.</p>	<p>comme elle, lorsqu'elle a fait son lycée au Colégio João XXIII, dans la Cruzada de São Sebastião. Mais rien de tout cela ne la faisait abandonner. À son entrée à l'université (cours de comptabilité), elle est allée travailler comme ouvrière, tout en étudiant le théâtre avec Maria Clara Machado. Vie dure d'une pauvre jeune femme noire, dans une société où les espaces réservés aux femmes, aux noirs et aux pauvres sont ceux de l'exclusion.</p>
<p>Poucos, muito poucos, sabem que sua arte também está a serviço das crianças pobres e órfãs, numa atuação marcada pela discricção e pela solidariedade.</p>	<p>Peu, très peu, savent que son art est aussi au service des enfants pauvres et orphelins, dans un spectacle empreint de description et de solidarité.</p>
<p>Por outro lado, a consciência política de Maria José Motta levou-a a participar ativamente das lutas por uma sociedade justa e igualitária. Militante do Movimento Negro Unificado, sua conduta se caracteriza pela coragem com que tem denunciado o racismo e suas práticas; e, ultrapassando o nível da denúncia, aí está Zezé organizando um arquivo de atores negros para que, no futuro, não se repitam as escamoteações e os silêncios com relação a esses mesmos atores. Filiada ao Partido dos Trabalhadores, empenhou-se na campanha Lélia Gonzalez, companheira da MNU, para que as maiorias silenciadas (mulheres e negros) se fizessem representar na Câmara Federal.</p>	<p>En revanche, la conscience politique de Maria José Motta l'a amenée à participer activement aux luttes pour une société juste et égalitaire. Militante du <i>Movimento Negro Unificado</i>, sa conduite se caractérise par le courage avec lequel elle a dénoncé le racisme et ses pratiques et, dépassant le niveau de la dénonciation, Zezé organise une archive d'acteurs noirs pour qu'à l'avenir, les escarmouches et le silence envers ces acteurs ne soient pas répétées. Affiliée au <i>Partido dos Trabalhadores</i>, elle s'est engagée dans la campagne Lélia Gonzalez, camarade du MNU, pour que les majorités réduites au silence (femmes et noirs) soient représentées à la Chambre des députés.</p>

<p>Para além da leveza, da doçura, do bom humor de Zezé, encontra-se uma mulher extraordinária, temperada por muita luta e sofrimento, generosa enquanto companheira, filha, irmã, esposa, amiga. Para além da imagem, da estrela Zezé Motta, o que vamos encontrar, na verdade, é uma mulher MULHER.</p>	<p>En plus de la légèreté, de la douceur, de la bonne humeur de Zezé, il y a une femme extraordinaire, tempérée par beaucoup de luttes et de souffrances, généreuse comme compagne, fille, sœur, épouse, amie. En plus de l'image, de la star Zezé Motta, ce que l'on trouvera, en fait, c'est une femme FEMME.</p>
<p>27: A democracia racial: uma militância</p>	<p>27 : La démocratie raciale : une militance</p>
<p>Este texto, <i>A democracia racial: uma militância</i>, extraído da <i>Revista Uape - Revista de Cultura</i>. N° 2, ano 2000, trata-se de uma republicação de uma entrevista que saiu no <i>Informativo SEAF</i>, em 1985.</p>	<p>Ce texte, <i>Démocratie raciale : une militance</i>, extrait de la <i>Revue Uape – Revue Culturelle</i>. N° 2, année 2000, est une réédition d'une interview parue dans la <i>Newsletter SEAF</i>, en 1985.</p>
<p>Ideias-chave: (1) Democracia Racial no Brasil; (2) Quem foi realmente José Bonifácio; (3) Brasil, país multiétnico; (4) A apropriação da cultura negra; (5) Produção intelectual na universidade e militância; (6) Sujeito da história e sujeito do discurso.</p>	<p>Idées clés : (1) Démocratie raciale au Brésil ; (2) Qui était vraiment José Bonifacio ; (3) le Brésil, un pays multiethnique ; (4) l'appropriation de la culture noire ; (5) Production intellectuelle à l'université et militantisme ; (6) Sujet d'histoire et sujet de discours.</p>
<p>Enquanto a questão negra não for assumida pela sociedade brasileira como um todo: negros, brancos e nós todos juntos refletirmos, avaliarmos, desenvolvermos uma <i>práxis</i> de conscientização da questão da discriminação racial nesse país, vai ser muito difícil, no Brasil, chegar ao ponto de efetivamente ser uma democracia racial. No lastro do todo das questões que estão colocadas, o que se percebe é que estamos num país em que as classes</p>	<p>Tant que la question noire n'est pas reprise par la société brésilienne dans son ensemble : noirs, blancs et nous tous réfléchissons, évaluons, développons une <i>praxis</i> pour qu'il y ait une conscientisation autour de la question de la discrimination raciale dans ce pays, ce sera très difficile, au Brésil, d'atteindre le point d'effectivement avoir une démocratie raciale. A l'appui de l'ensemble des questions qui se posent, ce que nous constatons, c'est que nous sommes dans un pays où les classes</p>

dominantes, os donos do poder e os intelectuais a serviço dessas classes, efetivamente, não abrem mão. Eles não estão a fim de desenvolver um trabalho no sentido da construção de uma nacionalidade brasileira; nacionalidade esta que implicará efetivamente na incorporação da cultura negra. Quando se analisa José Bonifácio, Patriarca da Independência, que luta pela abolição do tráfico negreiro, constata-se, por exemplo, que seu ideal de nação partia da perspectiva de uma nação homogênea e a heterogeneidade, a diferença que estava tão presente, para ele era justamente o negro, a presença negra. Então, não é por acaso que vai constatar no século passado, por exemplo, esse tipo de projeto de construção de uma identidade nacional que recuperava o índio, recuperava miticamente os nomes da nobreza brasileira que se forma, de condes, dos barões, etc., a partir da Independência, de um modo geral nos remetem a nomes indígenas - nesse projeto dessa nação homogênea, atribui-se uma ancestralidade indígena, porque eles já haviam liquidado com os indígenas, todos, na costa brasileira. Já não havia ninguém para contar a história ou alguns desses indígenas tinham sido expulsos para as regiões mais inóspitas do interior do país. E é um processo complexo a busca da legitimação de uma

dominantes, les propriétaires du pouvoir et les intellectuels au service de ces classes, en fait, ne renoncent pas. Ils n'ont pas envie de développer un travail pour la construction d'une nationalité brésilienne ; une nationalité qui impliquera nécessairement l'incorporation de la culture noire. En analysant José Bonifácio, patriarche de l'indépendance, qui lutte pour l'abolition de la traite des esclaves, on remarque, par exemple, que son idéal de nation est parti de la perspective d'une nation homogène et que l'hétérogénéité, la différence qui était si présente, pour lui était précisément les noirs, la présence noire. Ainsi, ce n'est pas par hasard que vous verrez au siècle dernier, par exemple, ce type de projet de construction d'une identité nationale qui a récupéré les indigènes, retrouvé mythiquement les noms de la noblesse brésilienne qui est constituée de comtes, de barons, etc., depuis l'indépendance, en général ils nous renvoient à des noms indigènes - dans ce projet de cette nation homogène, on attribue une ascendance indigène, parce qu'ils avaient déjà liquidé tous les indigènes sur la côte brésilienne. Il n'y avait plus personne pour raconter l'histoire ou, sinon, certains de ces peuples indigènes avaient été expulsés vers les régions les plus inhospitalières de l'intérieur du pays. Et c'est un processus complexe de rechercher la légitimation d'une identité basée sur une ascendance indigène, précisément parce que cet Indigène n'est plus là.

<p>identidade a partir de uma ancestralidade indígena, justamente porque esse índio não está mais aí.</p>	
<p>Nós ainda temos um grande trabalho pela frente no sentido de nos vermos como um país multiétnico, com uma diversidade de manifestações culturais e onde o lugar do negro em termos culturais e a grande fonte na qual toda uma produção artística oficial vai se inspirar. Por um exemplo, que não é brasileiro, no caso do rock inglês vemos qual é o solo de onde brotou esse rock, onde é que os rapazinhos brancos, por exemplo de Liverpool, como no caso dos Beatles, foram se abeberar numa música negra vinda da Jamaica. No caso brasileiro é a mesma coisa. O que se constata é que toda uma produção cultural se faz em cima da apropriação do trabalho de produção dessa cultura negra que é evidentemente marginalizada. Podemos perceber inclusive, no nível da linguagem, um tipo de classificação que domina essa ideologia dominante. Em termos de música popular, temos MPB e o samba que formam dois conjuntos que são classificados separadamente. Música popular brasileira é uma coisa e samba já é outra, que tem outro espaço do qual o “<i>crioleu</i>” não pode sair. Portanto, todo um trabalho, nos mais diferentes níveis dessa realidade brasileira tem que ser efetuado no sentido de sensibilização, de mobilização para a questão negra. No</p>	<p>Nous avons encore beaucoup de travail devant nous pour nous voir comme un pays multiethnique, avec une diversité de manifestations culturelles et où la place des noirs en termes culturels et la grande source à partir de laquelle toute une production artistique officielle sera inspirée. Un exemple qui n'est pas brésilien, dans le cas du rock anglais on voit d'où ce rock est sorti, où les petits garçons blancs, par exemple, de Liverpool, comme dans le cas des Beatles, sont allés boire dans une musique noire venant de la Jamaïque. Dans le cas brésilien, c'est la même chose. Ce que l'on voit, c'est que toute une production culturelle a lieu sur l'appropriation du travail de production de cette culture noire, évidemment marginalisée. On peut même percevoir, au niveau du langage, un type de classification qui domine cette idéologie dominante. En termes de musique populaire, nous avons le MPB et la samba qui forment deux groupes classés séparément. La Musique populaire brésilienne est une chose et la samba en est une autre, qui a un autre espace d'où le « <i>crioleu</i> » ne peut pas sortir. Par conséquent, il y a tout un travail, aux niveaux les plus différents de cette réalité brésilienne, doivent être menés dans le sens de la sensibilisation, de la mobilisation de la question noire. Dans mon cas, j'ai fait un type de choix, qui était le</p>

<p>meu caso, fiz um tipo de escolha, que foi a militância de rua, participando de organizações negras, de seminários, na medida em que nós, os intelectuais negros orgânicos somos tão poucos, realmente existe um grande leque de atividades para poder responder as exigências que nos são colocadas. E, ao mesmo tempo, existe uma militância, no nível do movimento (negro), que, a meu ver, é de uma grande importância de atuação nos meios não negros. Em nível da produção intelectual de um trabalho que desenvolvo numa universidade, uma militância que se revela extremamente gratificante inclusive, sob certos aspectos, embora muito doída porque é muito fácil você se fechar num canto e ficar discutindo internamente - isso não só em relação ao movimento negro, mas ao movimento de mulheres, etc. - a grande questão é sair pra rua, ir se defrontar com o outro.</p>	<p>militantisme de rue, la participation à des organisations noires, à des séminaires, car nous, les intellectuels noirs organiques sommes si peu nombreux, il y a vraiment un large éventail d'activités pour pouvoir répondre aux demandes qui nous sont imposées. Et, en même temps, il y a le militantisme, au niveau du mouvement (noir), qui, à mon avis, est d'une grande importance pour agir dans des cercles non noirs. Au niveau de la production intellectuelle d'un travail que je développe dans une université, un militantisme qui s'avère extrêmement gratifiant même, sous certains aspects, bien douloureux car il est très facile de se mettre dans un coin et d'argumenter internement - non seulement par rapport au mouvement noir, mais au mouvement des femmes, etc. - la grande question est de sortir dans la rue, de faire face aux autres.</p>
<p>Participando do Conselho Nacional para a Defesa dos Direitos Femininos estamos novamente atuando num desafio. Nesses limites, do oficial e do marginal, nos interstícios, fica muito difícil. É evidente que com esses 15 anos de movimento negro, aqui, alguns efeitos já percebemos, houve uma maturação política – estou me referindo aos meus companheiros de geração de há quinze anos; e evidentemente há toda uma estratégia de trabalho que</p>	<p>Participant au <i>Conselho Nacional para a Defesa dos Direitos Femininos</i>, nous travaillons à nouveau sur un défi. Dans ces limites, de l'officiel et du marginal, dans les interstices, c'est très difficile. Il est évident qu'avec ces 15 ans de mouvement noir, ici, certains effets ont déjà été remarqués, il y a eu une maturation politique - je parle de mes compagnons de génération d'il y a quinze ans ; et bien sûr, il y a toute une stratégie de travail qui implique un travail à différents niveaux,</p>

<p>implica em você estar atuando em níveis diferentes, em áreas diferentes, porque afinal de contas, a sociedade brasileira mudou. A gente não pode fechar os olhos diante disso. Ela mudou, passou por um processo de transformação, o que tem se evidenciado não só em termos dos avanços, mas também dos grandes problemas de dívida, de desemprego, etc., apontando para um processo de modernização da sociedade brasileira em função de uma mudança que ocorreu aí, e evidentemente a gente muda também. O importante é procurar estar atento aos processos que estão ocorrendo dentro dessa sociedade, não só em relação ao negro, ou em relação à mulher; você tem que estar atento a esse processo global e atuar no interior dele para poder efetivamente desenvolver estratégias de luta.</p>	<p>dans différents domaines, car après tout, la société brésilienne a changé. On ne peut pas fermer les yeux là-dessus. Elle a changée, elle a subi un processus de transformation, qui s'est manifestée non seulement en termes de progrès, mais aussi en termes d'endettement majeur, de problèmes de chômage, etc., indiquant un processus de modernisation de la société brésilienne dû à un changement qui est arrivé là-bas, et évidemment nous changeons aussi. L'important est d'essayer d'être attentif aux processus qui se déroulent au sein de cette société, non seulement en relation avec les Noirs, ou en relation avec les femmes ; il faut être conscient de ce processus global et agir en son sein afin de développer efficacement des stratégies de combat.</p>
<p>Em termos de movimento negro e no movimento de mulheres se fala muito em ser o sujeito da própria história; nesse sentido eu sou mais lacaniana, vamos ser os sujeitos do nosso próprio discurso. O resto vem por acréscimo. Não é fácil, só na prática é que vai se percebendo e construindo a identidade, porque o que está colocado em questão também, é justamente de uma identidade a ser construída, reconstruída, desconstruída, num processo dialético realmente muito rico.</p>	<p>En ce qui concerne le mouvement noir et le mouvement des femmes, on parle beaucoup d'être le sujet de notre propre histoire ; en ce sens, je suis plus lacanienne, devenons les sujets de notre propre discours. Le reste vient en plus. Ce n'est pas facile, c'est seulement dans la pratique qu'on perçoit et qu'on construit l'identité, car ce qui est remis en question est aussi une identité à construire, reconstruire, déconstruire, dans un processus dialectique vraiment très riche.</p>

3. ALÉM DA TRADUÇÃO: UMA QUESTÃO POLÍTICA

Esse trabalho de tradução não envolve somente problemáticas dos estudos da tradução, ele envolve questões sociais, políticas, questões de gênero, étnico-raciais e de classe. Primeiramente, será abordada a questão política do texto. Esse aspecto é de grande importância, principalmente no momento atual, em que todos os direitos conquistados, especialmente pela população negra e pelas mulheres, estão sendo questionados e ameaçados.

É impossível traduzir um texto que aborda todas essas questões sem pensar no contexto brasileiro hoje. Partimos desse pano de fundo para definir nosso projeto de tradução. Mesquita nos diz que “(...) o tradutor deve tomar decisões, o que irá gerar perdas e ganhos no movimento entre línguas e culturas distintas” (MESQUITA, 2018, p. 2). Esse pressuposto justifica tanto minha escolha da obra, quanto as do projeto de tradução. Nunca foi tão importante marcar a história e a luta da população negra, não só no Brasil, mas nos países colonizadores, que não enfrentam essa realidade da mesma forma. Por isso, meu projeto de tradução foi orientado pela tentativa de não apagar os traços da cultura brasileira e da cultura negra do texto da autora.

De fato, países ditos periféricos costumavam ser pouco traduzidos. A partir do século XX, esse processo acelerou, dando acesso a obras que nunca eram lidas fora do seu país de publicação. Importa, assim, trazer ao leitor da tradução, seja ele francófono da França ou de outros países de língua francesa, a responsabilidade dos países colonizadores na história, a exemplo da própria França, que brutalmente ocupou países que sofrem até hoje com as consequências dessa colonização.

O Brasil, escravizado por mais de 300 anos, até 1888, ainda carrega as cicatrizes e as marcas dessa violência. De fato, a escravidão foi abolida oficialmente, mas uma escravidão moderna perdura até hoje e se manifesta nos preconceitos, nas grandes dificuldades de emprego, nas categorias de emprego disponíveis para essa população, na violência diária, que são resquícios do massacre e das violações que perduraram por séculos (e ainda perduram).

Meu objetivo, ao traduzir para o francês uma obra brasileira – tão representativa da realidade de uma mulher negra no Brasil – foi ampliar o seu acesso para outras comunidades linguísticas. Frente à tendência a exotizar e romantizar a favela, a objetificar e sexualizar as mulheres brasileiras, distorcendo a realidade da vida da mulher negra nas comunidades, busquei retratar algo que pudesse dar uma ideia da situação e da ação política dessas mulheres por meio da tradução. De fato, é preciso produzir traduções periféricas para os países centrais, para abalar

algumas certezas. Por isso, também escolhi manter alguns termos que representam essa realidade em português, colocando-os em *itálico*, mantendo assim o estranhamento no leitor.

3.1 ALÉM DA TRADUÇÃO: UMA QUESTÃO CULTURAL

Ao traduzir um texto de uma língua para outra, não podemos deixar de observar que estamos traduzindo o texto de uma cultura para a outra. Isso implica questões que vão além dos aspectos linguísticos, e que são diretamente ligadas à história de um país, aos hábitos, às questões sociológicas de uma comunidade. Desse modo, definindo que a tradução vai além da “transferência de significados de um código linguístico para outro” (BARBOSA, 1990, p. 11).

Concordamos com Tymozco quando ela aponta que, ao trazer uma realidade de uma cultura para a outra, a tradução encena “[...] a identidade e as afiliações do autor, as conexões do tradutor com movimentos políticos e sociais, o contexto de recepção (tais como resenhas, censura, ações judiciais) da tradução” (TYMOCZKO, 2010, p. 233). Ou seja, essa realidade pode ser moldada pela subjetividade do tradutor.

A vivência de Lélia Gonzalez é distinta da de uma mulher branca brasileira, que também é distinta da de uma mulher negra da periferia de Paris ou de Bamako. Quando o texto de chegada passa pelo filtro da tradutora ao traduzir, caminhos diversos se perfilam: buscar representar a realidade de uma mulher negra da favela para gerar na/o leitor/a uma identificação com o texto, um reconhecimento no texto; ou tentar retratar outra cultura por meio da distinção e do estranhamento? Além disso, existe uma intenção política por trás das escolhas da tradutora: convencer o/a leitor/a? Ou descrever e abrir para a reflexão?

A tradução manifesta assim um certo ponto de vista, uma posição da tradutora. São ideologias que se expressam nos traços linguísticos (lexicais, morfossintáticos, gramaticais etc.) ou nas falas da própria tradutora expostas em nota de rodapé, por exemplo. Optamos também por não traduzir alguns termos, como “favela” (embora pudesse encontrar eco no termo francês “*cité*”), que não remete a uma periferia qualquer, mas a uma organização urbana e um ambiente específicos, que envolvem uma cultura particular. Assim, não busquei criar correspondências entre as situações, não querendo, por exemplo, que o/a leitor/a francês/a tivesse em mente a periferia francesa ao ler o texto.

4. BASE TEÓRICA

Traduzir não é transformar um texto em uma língua A em um texto em uma língua B. O/A autor/a do texto está inserido/a em um contexto específico e escreveu a obra tendo em mente um contexto específico, mais ou menos abrangente. O/A tradutor/a também se insere em um contexto particular e traduz para um contexto específico, distinto daquele do/a autor/a da obra de partida. Esses movimentos são pensados por teorias diversas, como a tradução polissistêmica de Even-Zohar no final da década de 1960, que expõe que a cada cultura corresponde um polissistema.

O autor sugere então que o tradutor precisa decifrar o polissistema da cultura A e transpô-lo para o polissistema da cultura B: “um sistema múltiplo, um sistema de vários sistemas que se entrecruzam e em parte se sobrepõem, que empregam opções concorrentemente diferentes mas que funcionam como um todo estruturado cujos membros são interdependentes” (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 11). Em seus pressupostos, Even-Zohar também vai opor “centro” e “periferia”, como base para se pensar uma tradução militante.

4.1 UMA TRADUÇÃO CULTURAL UNILATERAL?

Segundo Burke, “tradutores têm seus próprios fins, que podem diferir daqueles do escritor original” (BURKE, p. 46). O autor também afirma que “algo é sempre ‘perdido’ na tradução” (BURKE, p. 46). Todavia, como avaliar o que se perdeu frente às diferenças interculturais? Por isso, o autor nos diz que “o estudo da tradução é ou deveria ser central para a prática da história cultural” (BURKE, p. 46).

O enfoque desse trabalho foi justamente pensar a tradução como uma fonte de cultura, ainda que não necessariamente dialogue com os conceitos de Burke, já que as fronteiras interculturais estão cada vez mais tênues. Pensar cultura é de certa forma pensar o passado, com uma visão retrospectiva. No caso da obra de Gonzalez, o passado do Brasil é encenado levando em conta sua ligação intrínseca com a Europa. A tradução dessa obra para o francês reivindica o direito do/as brasileiro/as de ensinar sua história, já que tiveram que internalizar a história que lhes foi infligida pelos europeus por séculos.

Essa visão permeou todo o processo de tradução dos textos de Lélia Gonzalez enquanto objetivo da tradutora, do que ela que apresentar e representar: uma cultura construída em cima

da escravidão, que busca ser reconstruída e valorizada, reconhecida, não somente literariamente, mas politicamente.

4.2 UMA TRADUÇÃO FEMINISTA?

Para entender os desafios dessa tradução, é essencial falar do contexto feminista da época em que Lélia Gonzales escreve. Ela atuou ativamente nos anos 70, em meio à ditadura militar, quando a questão antirracista estava mudando de cara. A ideia de “democracia racial” já não era mais sustentada porque

os conceitos ‘consciência’ e ‘conscientização’ passam a ocupar, desde a fundação do MNU, lugar decisivo na formulação das estratégias do movimento. Trata-se da tentativa de esclarecer a população negra sobre sua posição desvantajosa na sociedade, para, assim, constituir o sujeito político da luta antirracista. (COSTA, 2006, p. 144)

Como vimos, Gonzalez foi uma das cofundadoras do MNU - Movimento Negro Unificado, estabelecendo uma relação e um diálogo com o movimento militante antirracista dos Estados Unidos da época e com ativistas como Angela Davis. Não obstante, seus textos foram escritos no auge de uma luta que ainda está em curso.

Avaliando o contexto no qual Lélia Gonzalez escreveu seus textos, é inevitável pensar no que estamos vivendo hoje no Brasil e no mundo. Frente à democracia ameaçada por um governo racista que faz apologia à ditadura e à tortura, essas obras são necessárias, pois trazem teorias e histórias de vida que precisam permanentemente ser lembradas e compartilhadas, para além das fronteiras do Brasil.

É importante ressaltar também que Lélia Gonzalez viveu e lutou pelos seus direitos durante a ditadura militar, época marcada pela usurpação de direitos da sociedade como um todo. Em reação à opressão, um movimento de revolta pelos anarquistas, comunistas e mulheres negras militantes se alia à luta dos operários. Vale lembrar que grande parte desses operários eram também negros, como expõe a pesquisadora Tauana Olivia Gomes Silva, em sua tese *Mulheres negras nos movimentos de esquerda durante a ditadura no Brasil (1964-1985)*: “Os negros eram militantes e líderes desses movimentos nas favelas, nos comitês populares democráticos” (2019).

Essa militância onipresente nos textos de Lélia Gonzales, em que são retratados tais movimentos históricos e ideologias de luta multifacetadas precisa aparecer na tradução, o que orientou em grande medida minhas decisões tradutórias.

4.3 UM LUGAR DA TRADUTORA?

A obra traduzida é uma obra feminista, de uma ativista feminista e que, no caso, foi traduzida por uma mulher que também se quer feminista. Ou seja, existem dois atos políticos sobrepostos, um que acontece quando a autora escreve, e outro quando a tradutora decide compartilhar as ideias feministas dessa autora por meio da tradução.

Ainda assim, é preciso se perguntar: qual o lugar da tradutora? Se, para alguns teóricos – como Borges – a tradução é criação, para outros,

(...) o compromisso de fidelidade não se define tão somente na direção do original. (...) o tradutor há de ter (...) um compromisso de fidelidade também para com as expectativas, necessidades e/ou possibilidades dos receptores finais. Ou, mais apropriadamente, com a *imagem que tal tradutor faz de tais expectativas, necessidades e possibilidades* (AUBERT, 1989, p.116, grifo meu).

Para se posicionar, a tradutora há de pensar além do texto e das palavras, levando em conta o tipo de texto com o qual está lidando. Romance? Ensaio? Biografia? Homenagem? Outras questões ajudam a definir o lugar da tradutora: qual a função do texto? Para quem foi escrito? Representa a quem? A quem dá luz?

Como mulher, feminista e tradutora, procurei, com a intenção de disseminar o pensamento da autora, traduzir Lélia Gonzalez para o francês, mas me sinto em dívida porque não vivi essa realidade, não estive à frente dessa luta.

5. VOCABULÁRIO DA AUTORA

Alguns termos se sobressaíram como típicos da realidade retratada pela autora e se apresentaram como questões de tradução.

Original	Tradução
Campo	Campagne
Sopapo	Terre crue
Pau a Pique	Typha
Chão de terra batida	Sol en terre durcie
Tachos grandes	Grands bols
Favela	Favela
Quilombo	Quilombo
Morro	Cité

Barraco	Bicoque
Assanhada	Coquette
Enrabichara	Amouracher
Puxa muito pela cabeça da gente	Ça nous prend la tête
Samba	Samba

6. CONCLUSÃO

Ao longo do trabalho, algumas questões se destacaram. Primeiramente, a questão da obra escolhida: foi preciso analisá-la e classificá-la, de forma a se ter algumas ideias guias durante a tradução. Por ser uma obra com textos variados, de diferentes gêneros textuais (artigo de opinião, relato, etc.), houve uma adaptação da tradutora segundo cada texto. Ou seja, foi possível pensar vários projetos de tradução seguindo cada texto, como foi o caso neste trabalho.

A história da autora foi elemento importante nas decisões de tradução, principalmente por Gonzalez ser uma militante negra e feminista que teve papel preponderante nas lutas antirracistas e pelos direitos humanos em uma época tão emblemática da história brasileira, nos anos 1970/1980, em meio a uma ditadura militar, que apagava qualquer direito e toda tentativa de resistência. Esses fatores foram guias durante a tradução: no caso, qual realidade a autora está apresentando? Uma realidade específica, a da favela do Rio de Janeiro, da periferia, que, apresentada com uma riqueza artística tão enorme, é até hoje empregada pela elite brasileira.

O texto está sendo traduzido para o francês da França, ou seja, para um país colonizador em que essa realidade específica da favela não existe. Existem vários problemas de desigualdade social, de racismo e de preconceito na França, porém, a realidade da favela e a história que a população negra brasileira carrega é característica, representativa de séculos de exploração e desigualdade, desde a colonização pelos portugueses. Dessa forma, a escolha foi tentar manter essa realidade na tradução, para que o leitor consiga ter uma visão do que Lélia está expondo. Essa é a questão mais macro do projeto de tradução.

Com uma visão mais micro, observando cada texto individualmente, vemos que o projeto de tradução vai mudando segundo cada um deles. O primeiro texto que escolhi traduzir foi “Mulher negra: um retrato”, sendo uma breve autobiografia da autora, de quando vivia a realidade da favela, contando como foi a mudança do campo para a cidade, a vida dos negros que trabalhavam para as suas patroas e patrões, as dificuldades da pobreza e do racismo.

Embora a autora aborde assuntos sérios, ela o faz com uma certa inocência, uma linguagem mais informal, a linguagem que realmente usava durante sua infância. Por exemplo, ao contar dos preconceitos que sofria até mesmo dentro da favela, sobre as pessoas já assumirem que ela era de uma certa forma por ser negra, ela descreve as situações de uma forma quase ingênua.

Ao traduzir este primeiro texto, me pareceu importante tentar manter essa ingenuidade e essa linguagem meio infantil, uma linguagem que representou a vida da autora durante muitos anos de sua vida. E essa linguagem é uma representação da desigualdade que vivia e que existe até hoje no Brasil.

Ela aborda algumas vezes a questão da educação das crianças da favela, que não tinham tempo de ir à escola porque desde cedo já trabalhavam o dia inteiro, e a escola era longe de casa. E que, opostamente a isso, as filhas e filhos dos patrões iam à escola e todos “viravam doutores”. Essa questão do acesso e da qualidade da educação continua sendo uma questão atual, e que faz parte de uma luta para os direitos da população negra.

Ao tentar manter, em francês, uma linguagem menos formal, mais familiar, com um tom mais infantil, mais inocente, tentei manter essa sensação que o texto original nos transmite: ali não é a professora, filósofa, ativista que está falando, é a Lélia de 10, 15, 20 anos falando. Sendo assim, meu projeto de tradução macro foi mantido, tentando manter a voz e a realidade da autora presentes, o que significa manter essa linguagem do texto original.

O segundo texto traduzido já é completamente diferente do primeiro, é uma homenagem à Zezé Motta, ou seja, Lélia não está mais falando de si, está falando de outra mulher negra, que compartilhou da sua luta. Nesse texto a linguagem já é mais formal, na qual ela elogia e conta um pouco da história da atriz. Apresenta um lado dela que talvez o grande público não conheça. Isso faz com que exista um léxico de elogios. Ao traduzir esse texto, não mantive, como no anterior, a linguagem mais familiar, mais informal, ela já não se encaixava mais no meu projeto de tradução. Tentei manter uma linguagem formal, mas não totalmente erudita, a linguagem que Lélia escolheu para sua homenagem. Mantive o tom de elogio presente durante o texto, a apresentação de uma artista, a descrição de sua história. O texto muda, é outro completamente, a narradora mudou seu tom, assim como a tradutora.

O terceiro texto que escolhi traduzir também tem suas especificidades, não é uma autobiografia, não é uma homenagem, é um texto político sobre a democracia racial no Brasil. Neste, Lélia aborda assuntos mais técnicos como a importância da sua militância de rua, o

Movimento Negro Unificado, o quanto é importante a presença de negros e mulheres na política e o quanto essa luta ainda tinha que evoluir. Um texto em que expõe suas opiniões, um texto mais assertivo, mais direto, que vai direito ao ponto. Respeitando o projeto de tradução pelo qual optei, também tentei manter esse tom mais assertivo que é específico desse texto.

São três capítulos completamente distintos, e para cada um deles, o projeto de tradução teve de ser repensado e ajustado. Isso se relaciona diretamente com a problemática abordada durante o trabalho, ou seja, qual é o lugar do/a tradutor/a? Podemos manter uma só visão dos Estudos da Tradução? Escolher somente um teórico? É um ponto delicado, porque existe uma multiplicidade de gêneros textuais, uma multiplicidade de textos, de culturas, de línguas, de opiniões e de tradutores. Será que o tradutor está preso às teorias? Ou cada teoria pode ter seu lugar nas diversas traduções? Essas e outras questões permearam e guiaram o presente trabalho e as questões teóricas incitadas, o que, inevitavelmente, torna a tradução um ato interminável, tanto teoricamente quanto de forma prática, sempre passível de novas pesquisas e novas traduções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, Francis H. A fidelidade no processo e no produto do traduzir. **Trabalhos em Linguística aplicada**, v. 14, Campinas: IELIUnicamp, 1989.

BARBOSA, Heloisa G. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. Campinas/SP: Pontes, 1990. BARBOSA, H. G. (1990). Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta. Campinas/SP: Pontes.

BASSNETT, Susan.; LEFEVERE, Andre. (1990). Introduction: Proust's Grandmother and the Thousand and One Nights: The "Cultural Turn" in Translation Studies. In: BASSNETT, Susan.; LEFEVERE, Andre.. (orgs.). **Translation, History and Culture**. London: Pinter Publishers, pp. 1-13, 1990..

BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro**. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.

BURKE, Sean. **The death and the return of the author: criticism and subjectivity in Barthes, Foucault and Derrida**. 2nd ed. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1998.

COSTA, S: Política, esfera pública e novas etnicidades. *Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 144, 2005 COSTA, Sérgio. Política, esfera pública e novas etnicidades. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 2, n. 1, p. 144, 2005.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Editora Filhos da África, 2018. GONZALEZ, L. **Primavera para as Rosas Negras**. Editora Filhos da Africa, 2018.

SILVA, Luciana de Mesquita. **Diáspora negra em contexto de tradução: discutindo a publicação de "Mulheres, raça e classe", de Angela Davis, no Brasil**. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 57, n. 1, p. 205-228, 2018. Disponível em: <MESQUITA. L. Diáspora negra em contexto De tradução: DiscutinDo a publicação De mulheres, raça e classe, De angela Davis, no brasil, <https://www.scielo.br/pdf/tla/v57n1/0103-1813-tla-57-01-0205.pdf>>. Acesso em: Abril de 2020.

SILVA, Tauana Olívia Gomes et al. **Mulheres negras nos movimentos de esquerda durante a ditadura no Brasil (1964-1985)**. Tese. 2019. Tauana Olivia Gomes Silva, em sua tese *Mulheres negras nos movimentos de esquerda durante a ditadura no Brasil (1964-1985)*: Tese

TYMOCZKO, Maria. **The space and time of activist translation**. In: TYMOCZKO, M. (org.). *Translation, resistance, activism*, Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, p. 227-254, 2010. TYMOCZKO, M. (2010). *The Space and Time of Activist Translation*. In: *Translation, Resistance, Activism*. Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, pp. 227-254.

TYMOCZKO, Maria; GENTZLER, Edwin. **Translation and power**. Amherst/Boston: University of Massachusetts Press, pp. 11-28, 2002.